

## EDUCADORAS NEGRAS NO ENSINO SUPERIOR: TRAJETÓRIAS E ATUAÇÕES QUE MOSTRAM OUTRAS POSSIBILIDADES

SILMARA APARECIDA DOS SANTOS<sup>1</sup>  
ANDERSON FERRARI<sup>2</sup>

### Resumo

As trajetórias de mulheres negras educadoras que atuam no Ensino Superior como Nilma Lino Gomes, Núbia Regina Moreira e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva possibilitam reflexões acerca de diversas questões que atravessam as existências de mulheres, especialmente mulheres negras, mostrando outras possibilidades. A partir disso, o presente texto, que é parte de uma pesquisa de doutorado que está em construção, objetiva trazer as trajetórias e atuações dessas três mulheres negras educadoras a fim de mostrar que os modos de existência podem indicar outras formas possíveis de serem e estarem em sociedade.

### Introdução

Este texto é parte de uma pesquisa mais abrangente de doutorado, ainda em construção, que se propõe a pensar e problematizar as trajetórias de três mulheres negras professoras no Ensino Superior e que nos convidam a questionar sobre os processos educativos dos sujeitos. Mulheres negras precursoras no campo da pesquisa que associam raça e escolaridade.

Tendo como foco investigativo três educadoras negras que atuam no Ensino superior, contribuindo de forma significativa para a construção de conhecimento em ensino, pesquisa e extensão em temáticas de raça, gênero, classe, feminismo, entre outras, a pesquisa objetiva discutir quais os discursos que (in)visibilizam a participação/ocupação dessas mulheres nesses e em outros espaços.

A fim de alcançar o objetivo proposto, pretende-se construir uma pesquisa qualitativa subsidiada pelas teorias foucaultianas, mas também, pós-estruturalista, especialmente, inspirada nas teorias feministas. Nesse sentido, objetiva-se elaborar a escrita do trabalho utilizando produções de mulheres, sobretudo, de mulheres negras, uma vez que é sobre essas mulheres e os processos que influenciam nos seus modos de existir que falaremos na pesquisa.

### Diálogo inicial: de quem falaremos

As mulheres cada vez mais têm conquistado espaço nas diferenças esferas

<sup>1</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF; doutoranda, CAPES.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF; Pós-doutor pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona; Professor Adjunto de Ensino de História da Faculdade de Educação da UFJF.

sociais, estando presente na política, na economia, na educação. Têm construindo outras possibilidades de atuar, de estar e se fazer presente, não só tendo o espaço do privado, do lar, da casa e dos filhos como ambiente único e permitido (LOURO, 1997).

Desatando os nós, libertando-se das inúmeras amarras (GOMES, 2019), ao longo dos anos, em meio às lutas, resistências, movimentações, tem se permitido mais, ocupar lugares, que há um tempo não muito longe, eram inimagináveis. As mulheres têm entrelaçado e borrado as fronteiras impostas ao sexo, ao gênero. Tarefa essa, que até nos dias atuais, não se configura como sendo fácil.

Ocupar posições de poder, estar à frente de organizações, de instituições, não era permitido para as mulheres, era uma condição de privilégio dado somente aos homens. E isso devido ao fato de historicamente a nossa sociedade ter sido formada em um sistema patriarcal, "onde o poder, as decisões e os privilégios estavam sempre nas mãos dos homens" (TELES, 1993, p. 17).

Esse sistema patriarcal deixou marcas profundas no contexto histórico, cultural e social da sociedade. Instituiu formas de ser, de perceber, de pertencer, de estar, de poder atuar que estão intimamente relacionados com as "relações de gênero e raça como estruturais e estruturantes da vida social e cultural" (GOMES, 2003, p. 610), de mulheres em si, especialmente de mulheres negras.

E aqui, pré-anunciamos de que mulheres falaremos neste artigo, das mulheres negras. O sistema patriarcal limitou as mulheres em muitos aspectos, no entanto, é preciso pontuar que esse sistema que também é hegemônico, machista, discriminatório, estereotipado, racista, incidiu "mais contundente a vida de sujeitos pertencentes a coletivos considerados diferentes e tratados como desiguais" (GOMES, 2003, p. 613), como é caso das mulheres negras e de outros grupos sociais.

Se à mulher branca pouco era permitido, à mulher negra, nada era permitido, porque como explicita Sueli Carneiro (2019, s/p) esse grupo fazia parte de um "contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhas e de senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação".

Aspectos esses que influenciam os modos de existências de mulheres negras, as oportunidades, as possibilidades de vida, os processos que as tornam (in)visibilizadas nos diferentes ambientes. Com base nisso, de acordo com

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e, em um texto que foi escrito em 1998 (p. 11) e, mesmo após vinte e três anos se mostra atual, "superar a invisibilidade conferida aos descendentes de africanos nas diferentes esferas da vida [...] continua a ser um objetivo a ser cumprido".

Objetivo desafiador frente às questões que perpassam as relações de gênero e de raça e que estão intrínsecas na constituição da sociedade. Essas questões interferem e modificam a vida de mulheres negras em um contexto nutrido por hierarquias, que por meio de relações de poder (FOUCAULT, 1977), instauram desigualdades que desumanizam sujeitos cuja diferença foi posta como sinônimo de inferioridade (GOMES, 2003).

Assim, quando pessoas que ocupam as classes e grupos que foram e ainda são inferiorizadas e constroem outras formas possíveis de vida, tendo como base a concepção Foucaultiana, resistem! Resistem, uma vez que escapam a ordem instituída, as classificações e normalizações discursivas de serem e estarem na sociedade (REVEL, 2005). Mulheres negras resistem!

Mulheres negras também resistem ao construir, ocuparem, conquistarem outros espaços, lugares estratégicos de aprendizado, de conhecimento, de tomada de decisões, de compartilhar de saberes. E, aqui, anunciamos especificamente que falaremos de três mulheres negras educadoras que fizeram e continuam fazendo isso ao se tornarem professoras no Ensino Superior e atuarem em diversas frentes políticas, sociais, culturais, dando visibilidade as temáticas que envolvem gênero, classe, raça, educação etc. Falaremos sobre: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Nilma Lino Gomes e Núbia Regina Moreira.

### Trajetórias que constroem caminhos possíveis

*[...] No novo tempo  
Apesar dos perigos  
Da força mais bruta  
Da noite que assusta  
Estamos na luta  
Pra sobreviver  
Para que nossa esperança  
Seja mais que a vingança  
Seja um caminho  
Que se deixa de herança [...]  
(Ivan Lins)*

As palavras da música "Novo Tempo" iniciam e refletem o que queremos dizer ao falar sobre três educadoras negras que foram precursoras ao atuarem no

Ensino Superior no nosso país. “Apesar dos perigos, da força mais bruta...” Petronilha Gonçalves, Nilma Lino Gomes e Núbia Regina travaram e continuam travando lutas, sobrevivendo em meio a tantos desafios, construindo saberes, atuando em diversas frentes políticas e sociais, abrindo caminhos de esperança, que deixam de herança possibilidades outras de ser mulher negra.

Essas mulheres educadoras negras atuaram e estão atuando de forma a contribuir com a educação, com a produção de conhecimento enquanto intelectuais no e do Ensino Superior Público. Luana Santos (2018), em sua dissertação, explicita que ao ocuparem esse lugar, essas mulheres das quais chama de “intelectuais insurgentes”, dão vozes as minorias e oportunizam construir políticas públicas que promovem a equidade de raça e de gênero.

Abrimos espaço e, falemos então de suas trajetórias. Começaremos por Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. A pesquisadora graduou-se em Português e Francês na Universidade Federal do Rio Grande Sul – UFRGS em 1964. Em 1977 fez uma especialização pelo *Institut International de Plantificacion de L’Educacion* na França. Em 1979 se tornou mestra em Educação pela UFRGS. Nesta instituição, em 1987 concluiu o doutorado em Educação. A educadora atua no ensino, na pesquisa e na extensão em Educação nas áreas: relações étnico-raciais, práticas sociais e processos educativos, políticas curriculares e direitos humanos.

Além disso, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva é Professora Emérita da universidade Federal de São Carlos. É Professora Titular em Ensino-Aprendizagem-Relações Étnico-Raciais, docente junto ao Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas do Centro de Educação e Ciências Humanas-UFSCar, na condição de professora sênior. É pesquisadora junto ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFSCar. Teve participação em diferentes esferas, como por exemplo, no Conselho Nacional de Políticas de Igualdade Racial (2015 - 2016), como conselheira na condição de notório-saber e na da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação. Recebeu vários prêmios por suas contribuições na construção de produções de conhecimento. Estas estão relacionadas com as relações étnico-raciais, as desigualdades, processos educativos e culturais.

A partir da breve exposição da trajetória da educadora negra, uma vez que a pesquisadora continua atuando e contribuindo com a Educação, nas palavras de Luana Santos (2018, p. 71), Petronilha Silva “ao transitar entre os movimentos

sociais, a universidade e órgãos governamentais, têm elaborado “pedagogias revolucionárias de resistência””.

Essas palavras também podem ser consideradas para a trajetória de Nilma Lino Gomes. A educadora também transitou pelos movimentos sociais, pela educação e pelo campo político. Graduiu-se em Pedagogia em 1988 pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Nesta instituição se tronou mestra em Educação em 1994. Em 2002 concluiu o doutorado em Educação na Universidade de São Paulo – USP. É Professora Titular Emérita da Faculdade de Educação da UFMG. Integra o corpo docente permanente da pós-graduação em educação Conhecimento e Inclusão Social -FAE/UFMG.

Além disso, Nilma Lino Gomes foi reitora Pró-Tempore da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB (2013-2014). Foi Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial -SEPPIR - (2015) e do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos (2015-2016). Atua e produz conhecimento nas seguintes áreas: relações étnico-raciais, diversidade, cultura e educação, políticas educacionais, formação de professores e professoras, desigualdades raciais, entre outros.

A educadora negra, em um texto intitulado “Libertando-se das amarras: reflexões sobre gênero, raça e poder” (2003), explicita as diversas questões que perpassam a vida de mulheres, inclusive, quando decidem ocupar espaços públicos e privados de poder, de decisão. Nilma Gomes, que atuou e continua atuando em diferentes espaços, diz em seu texto que os condicionamentos de classe e raça são determinantes para as mulheres. Nas palavras da pesquisadora, “dependendo da forma como essas duas operam na trajetória das mulheres, a ocupação de lugares de poder, de direção e de decisão no público e no privado poderá ser mais ou menos acidentada, mais ou menos violenta” (GOMES, 2003, p. 617).

A estudiosa ainda pontua que ocupar espaços institucionais educativos como o Ensino Superior, as universidades é algo que a todo momento o seu conhecimento, a sua prática é colocada em dúvida e, isso em razão de ser mulher. Quando se é uma mulher negra, isso é ainda mais acentuado. “Aqueles que exercem cargos de poder nas esferas universitárias e do conhecimento vivem isso de modo peculiar. Elas estão no cerne de um espaço institucional que se vale a todo o tempo da máxima conhecimento é poder” (GOMES, 2003, p. 616). No

entanto, Nilma Gomes denuncia que as mulheres têm mostrado o contrário disso, que nem sempre poder é conhecimento.

Falemos agora sobre outra educadora negra que tem contribuindo de forma significativa para o campo da Educação, Núbia Regina Moreira. A pesquisadora graduou-se em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1995. Tornou-se mestra em Sociologia em 2007 pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Finalizou o doutorado em 2013 na Universidade de Brasília.

Atualmente, Núbia Moreira é Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - (UESB) e docente permanente do Mestrado em Educação (PPGED-UESB). É líder do Grupo de Pesquisa Oju Obinrin Observatório de Mulheres Negras (UESB). Faz parte da equipe editorial da Revista Práxis Educacional. Atua e produz conhecimento nas seguintes áreas: Epistemologia, política e redes de mulheres negras; as mulheres negras no campo da produção cultural brasileira; currículo e políticas, subjetivações e processos de racializações; teoria curricular e políticas curriculares feministas.

A educadora tem produzindo conhecimento frente as questões que atravessam as mulheres negras e instituíram processos de desigualdade. Núbia Moreira aborda em sua atuação social e educacional, mais especificamente em sua dissertação (2007) a importância do movimento feminista negro enquanto elemento que tem um compromisso social, não só com as mulheres negras em si, mas com os grupos marginalizados. Além disso, demonstra a necessidade de cruzar feminismo e currículo.

Para a pesquisadora, imbricar feminismo e currículo é deslocar ideias acerca dos sujeitos, das mulheres, especialmente as negras, dentro do currículo, compreendido como híbrido e que está composto por relações de poder, comuns em processos em que há construção de sentidos e significados e, estas agem na produção do currículo e suas políticas (MOREIRA; EVANGELISTA; SANTOS, 2019).

Quanto a ocupação de mulheres negras em espaços como as instituições públicas e privadas de Ensino Superior, Núbia Moreira diz que enquanto indivíduos que ocupam esses espaços, tanto homens quanto mulheres, em especial mulheres negras, temos o compromisso “de voltar, devolver, mudar do lado de dentro da universidade” (MOREIRA, 2021, s/p).

A partir dos pressupostos, podemos dizer que a ocupação do/no Ensino Superior e em diversas esferas sociais, por essas mulheres negras, que se tornaram

educadoras, pesquisadoras, intelectuais, que contribuem para o campo da Educação, que produzem conhecimento acerca das relações de gênero, classe e raça, não são ações sem intenções. Essas mulheres foram precursoras nas instituições educativas universitárias e, ao ocuparem, estarem, se fazerem presentes, possibilitaram, abriram caminhos para que outras também pudessem estar.

### **Por hora... palavras que encerram o diálogo**

A atuação e ocupação em diferentes espaços por mulheres, principalmente por mulheres negras, refletem lutas, movimentações, conquistas que têm sido alcançadas ao longo de anos e de diversos processos. Em tempos ainda mais difíceis, em que questões de gênero, classe e raça atravessavam e impediam mulheres negras de ocupar e atuar em ambientes de poder e tomadas de decisões como as instituições educativas universitárias, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Nilma Lino Gomes e Núbia Regina Moreira, foram precursoras.

Estas três mulheres negras educadoras, que dão existência ao assunto tratado neste artigo e ao tema de pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvido, empregaram em esferas políticas, econômicas, sociais e culturais, outras possibilidades, modos de vida, condições de existência. Discutem e produzem conhecimento tendo como base as questões de raça e etnia, gênero, desigualdade, feminismo, violência, educação, currículo e vários outros.

As construções históricas, diariamente, incidem o seu peso sobre os corpos negros, sobre as mulheres negras de maneira mais contundente. Assim, quando mulheres conseguem instituírem outras formas possíveis de viver, exercer práticas que consideram a luta feminista e antirracista, se fazer presente nos ambientes de poder e decisão, contribuir, enquanto intelectuais, para o campo da Educação, de alguma forma, tornam os caminhos de outras mulheres também possíveis, dizem para meninas e mulheres negras que há modos de existência além das condições desumanizadas e subjugadas que lhes foram impostas.

### **Referências bibliográficas**

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** 2019. Disponível em:

<https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>. Acesso em: 18 out. 2021.

GOMES, Nilma Lino. Libertando-se das amarras: reflexões sobre gênero, raça e poder. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 2, p. 609-627, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss2articles/gomes.pdf>. Acesso: 18 out. 2021.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria** – 2002. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit/>. Acesso em: 18 de out. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Uma perspectiva pós-estruturalista** – Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

MOREIRA, Núbia Regina; EVANGELISTA, Nadila Jardim; SANTOS, João Paulo Lopes dos. A experiência feminina negra e suas interrogações à política e prática curriculares. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista -Bahia -Brasil, v. 15, n. 32, p. 115-131, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxis.v15i32.5046A>. Acesso em: 18 out. 2021.

MOREIRA, Núbia Regina. **O feminismo negro brasileiro**: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo. Dissertação (Universidade de Brasília) -- Campinas, SP: [s. n.], 2007.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais / Judith Revel; tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. - São Carlos: Claraluz, 2005. 96 p.

SANTOS, Luana Diana. **Intelectuais negras insurgentes**: o protagonismo de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Nilma Lino Gomes. Dissertação (Universidade Federal de Ouro Preto). Diana Santos. - 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/jspui/handle/123456789/10786>. Acesso em: 18 out. 2021.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. "Chegou a hora de darmos à luz a nós mesmas": Situando-nos enquanto mulheres e negras. **Cadernos CEDES** [online]. 1998, v. 19, n. 45, pp. 7-23. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000200002>. Acesso em: 18 out. 2021.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. 1º ed. Editora: Brasiliense, 1993.